

## Volta Kennan, estás perdoado!

*George Kennan sabia que era preciso conter o expansionismo soviético, mas também sabia que as contradições da URSS acabariam por derrubar o regime por dentro. Mas era preciso tempo. E uma estratégia...*

**Nuno Severiano Teixeira | Público | 9 de Março de 2022**

Não conhecemos, ainda, o desfecho da guerra. Mas mais importante que a vitória militar é o que se faz, politicamente, com ela. Pode-se estar preparado para lançar uma guerra, mas não estar preparado para gerir a paz. Como os Estados Unidos no Iraque, o mesmo pode acontecer com a Rússia. Se vencer, o que vai a fazer com a vitória? Instaurar um governo fantoche em Kiev? Dividir o país ao meio e ocupar o Leste? Anexar a Ucrânia? Em tal caso e seja qual for a solução, a Ucrânia ficará geopoliticamente separada do Ocidente. E isso muda tudo.

Muda, em primeiro lugar, a segurança europeia e muda, também, a relação transatlântica. A agressão russa viola não só a Carta das Nações Unidas como todos os princípios da ordem de segurança europeia que a Rússia assinou: a Acta Final de Helsínquia de 1975, a Carta de Paris de 1990 e Declaração de Astana de 2010. Mas viola, sobretudo, o Acordo de Budapeste de 1994 em que a Rússia se comprometeu a respeitar a soberania e a integridade territorial da Ucrânia em troca da sua desnuclearização.

Depois da violação reiterada dos compromissos e dos golpes de força na Geórgia e na Crimeia, a invasão da Ucrânia foi uma dramática tomada de consciência que obrigou o Ocidente a corrigir a sua miopia estratégica. Depois da invasão da Ucrânia não há mais dúvidas de que se abriu no Leste da Europa uma linha de frente que se estende desde os Bálticos até ao Mar Negro. Que confronta directamente sete países da NATO e da UE (Estónia, Letónia, Lituânia, Polónia, Hungria, Eslováquia e Roménia) e que a Rússia não hesitou em ameaçar países neutros membros da UE (Suécia e Finlândia). Mais, que a Moldávia está muito vulnerável, como muito vulneráveis e separados dos outros países NATO ficarão os países bálticos se não for protegida a faixa Swalki que separa a Rússia de Kaliningrado.

É o regresso do espectro clássico da ameaça territorial e a deslocação das linhas de demarcação da segurança europeia. Ora, o grande desafio da UE e dos EUA será o de refazer a arquitectura de segurança na Europa e garantir a defesa contra a ameaça russa, sem entrar numa escalada militar com a Rússia. Não é tarefa fácil. Sobretudo, porque a resposta ao revisionismo político e ao revanchismo militar de Putin exige mais do que as tradicionais sanções económicas e a velha retórica política. Exige de uma nova estratégia, global e de longo prazo. É por isso que alguns autores nos Estados Unidos e na Europa começaram a reler George Kennan e a repensar a estratégia da contenção.

Kennan foi um diplomata americano que serviu na embaixada em Moscovo durante os anos de 1940. Conhecia bem os delírios de grandeza de Estaline e a ameaça que

representavam para o Ocidente. Sabia que era preciso conter o expansionismo soviético, mas também sabia que a União Soviética tinha as suas contradições internas e que seriam elas que acabariam por derrubar o regime por dentro. Mas para isso era preciso tempo. E uma estratégia a vários níveis: económico, político e militar.

Depois da invasão da Ucrânia talvez valha mesmo a pena repensar contenção. No plano militar, com o regresso da ameaça territorial à Europa, a NATO terá que recolocar a defesa colectiva no centro do seu conceito estratégico. Reforçar a sua presença no terreno nos países da linha da frente e tornar mais forte e visível a sua capacidade de dissuasão. E, claro, dar apoio à resistência ucraniana.

No plano económico, as sanções, agora mais severas, terão que ser apoiadas pelo maior número de Estados possível para terem impacto na economia russa. Mas o impacto deverá afectar, sobretudo, a elite do poder e a cleptocracia que gravita em torno de Putin.

No plano diplomático, os canais terão que continuar abertos, mas no plano político internacional o isolamento da Rússia será importante. A votação na Assembleia Geral da ONU de condenação da invasão da Ucrânia foi um sinal nesse sentido. Mas o que acontecerá em instituições como o G20? E, finalmente, as contradições internas da Rússia que são hoje mais fortes e divisivas do que nos tempos da União Soviética: a contradição entre a força do complexo militar e a fraqueza da economia; entre a sociedade civil que se manifesta nas ruas e a repressão e a lei marcial. O colapso vem de dentro.

Os tempos são outros mas a questão é a mesma, no estalinismo como no putinismo: conter o expansionismo, favorecer as contradições internas e deixar que o tempo faça o resto. Da outra vez, demorou quarenta anos.

<https://www.publico.pt/2022/03/09/opiniao/opiniao/volta-kennan-perdoado-1998045>